



In memoriam:
José Marques (1937-2021),
Maria Filomena Barros (1958-2021),
Helena Avelar (1964-2021)

(a) ***Cristina Cunha***, (b) ***María Jesús Viguera Molins***, (c) ***Ana Duarte Rodrigues***,
(c) ***Henrique Leitão***, (e) ***Luís Ribeiro***, (f) ***Charles Burnett***, (g) ***Cristina Pinto Basto***,
(h) ***Maria Adelaide Miranda***, (i) ***Maria João Branco***, (i) ***Maria de Lurdes Rosa***

(a) Universidade do Porto, Faculdade de Letras,
Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»
4150-564 Porto, Portugal

mariacristinacunh@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0002-9613-6433>

(b) Universidad Complutense de Madrid

viguera@filol.ucm.es
<https://orcid.org/0000-0001-5542-0705>

(c) (d) (e) Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências,
Departamento de História e Filosofia das Ciências
1749-016 Lisboa, Portugal

(c) amnrodrigues@fc.ul.pt
<http://orcid.org/0000-0002-9786-7465>

(d) hjleitao@fc.ul.pt
<https://orcid.org/0000-0001-8355-9288>

(e) luisribeiro@me.com
<https://orcid.org/0000-0001-8079-8072>

(f) The Warburg Institute
Woburn Square, London WC1H 0AB

charles.burnett@sas.ac.uk
<https://orcid.org/0000-0002-7595-0049>

(g) Biblioteca da Ajuda, Palácio Nacional da Ajuda
1349-021 Lisboa, Portugal

cbasto@pnajuda.dgpc.pt

(h) (i) (j) Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Instituto de Estudos Medievais
1099-032 Lisboa, Portugal

(h) adelaide@fcsh.unl.pt
<http://orcid.org/0000-0002-7581-3888>

(i) mjbranco@fcsh.unl.pt
<https://orcid.org/0000-0002-7165-5958>

(j) mlrosa@fcsh.unl.pt
<https://orcid.org/0000-0002-2027-4485>

Data recepção do artigo / Received for publication: 4 de Maio de 2021



Houve demasiadas mortes em dias assim. No último ano, em dois números sucessivos da *Medievalista*, demos notícia do desaparecimento de três historiadores europeus: Francis Rapp e Michel Parisse, em Julho de 2020, Peter Linehan, já em Janeiro deste ano, todos com obra notável e que marcaram, por razões diversas, diferentes gerações de investigadores. As perdas, infelizmente, não ficaram por aí. Nos últimos meses, a lista de falecimentos parecia não ter fim, levando historiadores em diferentes fases das suas vidas, uns mais conhecidos e consagrados, outros em plena maturidade intelectual. Dia após dia, como se em todos fosse preciso recordar que o historiador morreu, desapareceram muitos dos que dedicaram a vida a esclarecer os assuntos do passado. Nomes em demasia, como os de Francesco Espósito, de Luís Espinha da Silveira, de António Silva Pereira, de José Marques, de Maria Filomena Barros, de Francisco Contente Domingues e de Helena Avelar, ou de Pierre Guichard e de Pedro Laíns, estes dois já bem mais perto de nós.

Se todos são aqui lembrados e homenageados de forma singela, faz-se memória neste número da *Medievalista* de três desses investigadores recentemente falecidos. Dos que se formaram no país e se especializaram no estudo das realidades medievais portuguesas, deixando um legado importante que dá conta da crescente diversidade dos estudos sobre a Idade Média. Os nomes destes três historiadores – José Marques, Maria Filomena Barros e Helena Avelar – estão associados a algumas das áreas mais dinâmicas da pesquisa histórica, do estudo da Igreja e das instituições eclesásticas, ao das minorias étnico-religiosas e da complexa relação destas com a maioria cristã e ao esclarecimento do papel das técnicas e do saber astrológico dentro da visão do mundo e da ciência medievais. Os seus trabalhos tiveram, de resto, o devido reconhecimento dentro e fora do país. De tudo isso dão testemunho os autores dos textos aqui publicados, que lhes prestam uma justa e sentida homenagem.



José Marques (1937-2021)



Corria o segundo semestre do ano letivo de 1981-82 quando, enquanto estudante da licenciatura em História da FLUP, conheci o Professor José Marques. Com ele os alunos do 2º ano iriam “fazer a cadeira” basilar de História de Portugal na Época Medieval, iniciada no semestre anterior pelo Professor Baquero Moreno, coadjuvado então pela Dra. Fernanda Santos. A matéria estava atrasadíssima, e o Professor deveria, num tempo record, e perante uma turma enorme numa sala pequena, completar o Programa inicialmente previsto. Não era possível; não foi possível, claro: chegámos apenas ao reinado de D. Fernando e à “crise de 1383-85”, já em cima dos exames, numa maratona de 4 horas de aula, que, creio, nenhum dos presentes na sala terá esquecido. Pensando nisso hoje, acho que o Professor fez um notável exercício de síntese histórica. No ano seguinte, foi a vez de ser sua aluna em Paleografia e Diplomática, e foi no âmbito desta disciplina que para sempre fiquei ligada ao Mestre. Apesar de estar nessa altura a presidir ao Conselho Diretivo da Faculdade, não dispensou continuar a ensinar, embora frequentemente deixasse os estudantes em sala de aula, com um documento em riste, quando da Direção o vinham chamar para atender um telefonema premente ou atender um caso urgente. Essas aulas de Paleografia e Diplomática eram, a todos os níveis, fascinantes, porque iam muito além do “ensino das letras”: instituições, personagens, pesos e medidas, costumes, tudo era abordado a propósito dos atos que se liam. E quando regressado

de um Encontro da Comissão Internacional de Diplomática ou do Comité de Paleografia (dos quais viria a ser membro em 1986 e em 1989, respetivamente) o Professor mostrava-nos com entusiasmo os livros adquiridos no estrangeiro relativos a essas ciências e que então dificilmente chegavam a Portugal, indicando-nos as tendências de investigação nessas áreas. Para além das aulas, a faceta de docente emergia claramente aquando das visitas ao Arquivo. Cada peça era descrita simultaneamente com erudição e simplicidade, proporcionando a observação de pormenores que de outro modo passariam despercebidos. Creio que o fascínio com que olhei para esses monumentos do passado seria semelhante ao que vislumbro em alguns estudantes actuais, quando os acompanho em visitas de estudo. E é exatamente por essa razão que até 2019 (em 2020 já não foi possível pelas razões sanitárias de todos conhecidas) sempre pedi ao Mestre, já aposentado, naturalmente, para orientar as visitas do Mestrado em Estudos Medievais da FLUP, sempre que estas tinham lugar no “seu” Arquivo – o Arquivo Distrital de Braga que, entre todos os outros onde também investigou, era o seu local preferido e que conhecia como mais nenhum investigador. O entusiasmo com que falava, e o modo como explicava a importância dos diversos códices e documentos previamente seleccionados (o *Liber Fidei*, o Missal de Mateus, um livro da coleção dos “Livros Findos”, o “Livro das Cadeias”, para além dos pergaminhos avulsos...) e dos arcebispos e outras figuras fundamentais para a compreensão dos espécimes que gentilmente eram disponibilizados para observação, continuaram a atrair a atenção dos grupos de estudantes que, nessas ocasiões, se tornavam também seus alunos, mostrando à saciedade que a aposentação não era mais do que uma formalidade, e que o espírito de Professor continuava bem presente.

Já há bastantes anos, e exatamente a propósito do historiador e medievalista José Marques¹, escrevia o professor Luís Adão da Fonseca que “na Universidade – na sua docência e investigação –, a dimensão da convivência é muito importante”. Sendo certo que a investigação, seja no escritório pessoal ou no Arquivo, é sobretudo uma atividade individual, o resultado desse labor destina-se aos outros. Encarnando este gosto pela partilha da descoberta e dos conhecimentos, muitas vezes o vimos chegar

¹ FONSECA, Luís Adão – “José Marques, historiador e medievalista”. in *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Marques*. Vol. 1. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, p. 15.

à Faculdade com mais um trabalho que oferecia com um brilho de satisfação nos olhos, resultado de documentos que “encontrava” no ADB. A generosidade da partilha constante do saber era, aliás, uma das características mais marcantes do “nosso” Padre Marques, como carinhosamente todos os estudantes e a maioria dos Colegas na FLUP o tratavam, respeitando a sua condição de sacerdote, mas quase transformando esse “adjectivo” em nome próprio. Generosidade patente também na constante disponibilidade para quem o procurava, sempre interessado pelos trabalhos que os jovens investigadores estavam a desenvolver, e a quem sempre dava palavras de alento e sugestões de estudos ou documentos para ver. Mas a convivência ultrapassava as paredes da faculdade: recordo os momentos de descontração em que participava com alegria, acompanhando os Colegas (portugueses e estrangeiros) à volta de uma mesa, depois de dias de intenso trabalho em Congressos. Como sua Assistente de Paleografia e Diplomática, rapidamente aprendi que tão importante como a reunião realizada em Coimbra (com os restantes membros portugueses da CID) para levar a cabo a tradução dos termos do *Vocabulaire Internationale de la Diplomatie*², era a paragem obrigatória na Bairrada. Essa refeição (o leitão...) foi a primeira de muitas outras, incontáveis. Acompanhados por um bom vinho verde, esses eram os momentos mais oportunos para debatermos ideias de trabalho, dúvidas, projetos, esperanças, enfim. E ainda recentemente, sentados numa mesa de um conhecido café em Braga, falámos dos caminhos da Diplomática em Portugal, dos documentos transcritos e a transcrever, das publicações que tinha em mente fazer. Assim ao longo de 34 anos, pelo menos, se cimentou uma amizade e confiança recíprocas, que, se se manifestavam na minha vida académica, foram certamente muito para além desta.

Apesar de aposentado em 2003, o Professor José Marques continuou a acompanhar o que se passava na Universidade. Com palavras de alento, sempre me encorajou a continuar a trabalhar (entenda-se, a investigar e a estudar), apesar da crescente carga burocrática que via cair sobre cada um de nós. Recusou-se a alinhar com algumas exigências recentes da produção científica, que considerava

² Volume que viria a sair uns anos mais tarde: CARCEL ORTÍ, M^a Milagros (ed.) – *Vocabulaire international de la diplomatie/ Commission Internationale de la Diplomatie*. Valencia: Universitat, 1994.

desnecessárias, pois defendia que competia à própria comunidade académica e científica aceitar ou não os trabalhos publicados. Mas aderiu com entusiasmo a ideias novas, proporcionadas pela aplicação das chamadas Humanidades Digitais, nomeadamente no que respeitava à ciência dos Diplomas. Não gostava de vários aspetos do caminho que lhe parecia que a Universidade estava a trilhar, mas nem por isso deixava de participar nas efemérides para as quais era convidado, regressando à sua “casa” sempre que a ocasião propiciava (quanto mais não fosse para deixar o seu último “trabalhito” na Biblioteca) e a direção da Faculdade o convidava.

Antes de chegar à Faculdade de Letras, o Professor José Marques tinha já percurso feito. Formado nos Seminários Arquidiocesanos de Braga, aí concluíra o Curso Teológico em 1961, tendo logo de seguida, e já como presbítero ordenado, começado a lecionar História, Ciências Naturais e Religião e Moral no curso de Humanidades. Foi esta experiência docente, ou melhor, a necessidade de mais completamente se formar para poder ensinar bem, que o levou a inscrever-se na Faculdade de Letras do Porto. Iniciou assim em 1969 os estudos conducentes à licenciatura em História, que viria a terminar em 1974, especializando-se depois (1976) na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, como bibliotecário-arquivista. Entretanto, havia sido contratado como monitor (em 1973), pelo que viveu já como membro da Faculdade os anos politicamente conturbados pós-revolução do 25 de Abril. Não admira, por isso, a sua participação nos debates acesos decorridos nas RGA's da FLUP onde, com a firmeza que lhe era reconhecida, sempre defendeu os seus pontos de vista. Muitas vezes lhe ouvimos relatos desses momentos, que marcaram durante anos as relações na Faculdade. Esta participação ativa, e a luta por valores em que acreditava, acompanharam-no ao longo da sua vida. Muitas vezes o vimos tomar atitudes contra aquilo que considerava injustiças, combatendo adversários e defendendo os direitos, seus e dos outros. Escrevendo cartas, enfrentando diretamente os seus opositores: a frontalidade era uma característica que todos sempre lhe reconheceram.

Como era comum na época, já como assistente foi assegurando a docência de várias disciplinas, ao mesmo tempo que preparava o seu Doutoramento, que veio a

terminar em 1982, com a apresentação da tese "A Arquidiocese de Braga no século XV"³ e do estudo "A Administração Municipal de Vila do Conde em 1466"⁴ como trabalho complementar. Eleito para Presidente do Conselho Diretivo da FLUP nesse mesmo ano de 1982, veio a tomar posse no início do ano seguinte, tendo desempenhado essas funções com total dedicação. Entre todas as realizações, merece destaque, pela sua importância (na época, mas também atualmente) o retomar da publicação da *Revista da Faculdade de Letras*, nas séries de História, Filosofia e Línguas e Literaturas Modernas, que estava suspensa desde 1974. Neste contexto, não admira que, tendo terminado as suas funções na Direção, o Professor tivesse ficado encarregado da coordenação da série de História, tarefa que desempenhou até ao último número da 2ª série, em 1998. Uma outra iniciativa fica também associada à passagem pelo Conselho Diretivo da FLUP: falamos do desencadear do processo conducente à criação do Curso de Ciências Documentais, que veio mais tarde a coordenar. De facto, a frequência do Curso de Bibliotecário-Arquivista na Faculdade de Letras de Coimbra a que nos referimos, tinha determinado a sua ligação às ciências dos Arquivos, e justificava plenamente a participação do Professor José Marques na transformação da referida pós-graduação em licenciatura de Ciência da Informação, de cujo corpo docente também fez parte até à sua aposentação.

Com uma vida académica recheada de Congressos e publicação de investigações realizadas, facilmente se compreende que José Marques tenha sido convidado para participar nas mais variadas instituições científicas e culturais: basta lembrar que foi membro de Academias (Academia Portuguesa de História e Real Academia de la Historia de Madrid), de Institutos (Instituto Cultural Galaico-Minhoto e Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), de Sociedades (Sociedade Científica da Universidade Católica, Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, Sociedade Martins Sarmiento), da *Commission Internationale de Diplomatie* e do *Comité International de Paléographie Latine*. Em eventos promovidos por todas, o Professor José Marques apresentou comunicações originais feitas de propósito para a ocasião,

³ MARQUES, José – *A Arquidiocese de Braga no Século XV*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.

⁴ MARQUES, José – "A Administração Municipal de Vila do Conde em 1466". *Bracara Augusta* 37/ 83-84 (1983), pp. 5-116.

participando de forma ativa nos debates e nas conversas que as sessões proporcionavam. Além destes, esteve presente em incontáveis Congressos e Colóquios, em Portugal e no estrangeiro. Numa época em que as viagens, sobretudo além-fronteiras, não eram tão “fáceis” como nos nossos dias, e em que faltavam apoios para as realizar, deve ser salientado o esforço pessoal que cada uma das participações fora do nosso país implicava. Mas a compensação era enorme: para lá dos aspetos científicos, muitos momentos inesquecíveis, alguns deles hilariantes mesmo, tornavam leves os dias cansativos e punham à vista o sentido de humor do Professor.

A obra historiográfica do Professor José Marques inclui mais de 300 títulos, entre os quais se encontram pelo menos 27 monografias (de dimensão variada), artigos, notícias de eventos e recensões ou notas de leitura de obras de tipologia diversa. Não se incluem neste cômputo os mais de 100 artigos publicados nos jornais *Diário do Minho* e *A Voz de Melgaço*. Com uma vida académica preenchida, para já não falar dos outros compromissos que, como se viu, foi assumindo ao longo dos anos, não admira que o ritmo da produção historiográfica tenha conhecido flutuações. De facto, a direção da faculdade, a que já me referi, bem como a organização de congressos (de que são exemplos o Congresso sobre “Bartolomeu Dias e a sua época” e o *Colloque Technique* da C.I.D. sobre “Typologie des Actes Royaux à la fin des XIIIe et XIVe siècles”, bem como a colaboração na organização do Congresso Comemorativo do IX Centenário da Sé de Braga) e, sobretudo as tarefas inerentes à publicação das respetivas Atas justificam que nesses anos o número de trabalhos dados à estampa tivesse conhecido uma diminuição sensível.

Não era apenas a Idade Média que interessava o Professor. De facto, abordou cronologias amplas (de épocas bem remotas até à atualidade), à medida das solicitações que lhe iam sendo feitas, mas sempre baseado em documentos que, nas suas incursões no ADB ou em outros locais, vira, registara, copiara. Geograficamente, foi essencialmente à “sua” diocese de Braga que se dedicou. É sobre este território e as suas instituições que assenta a maioria da obra historiográfica. Muito cedo se apercebeu da importância da interpretação cartográfica, recorrendo aos serviços de infografia da FLUP (logo após a sua

criação), incluindo nos seus estudos, sempre que considerou pertinente, mapas elaborados a partir de fontes históricas. Se cartografássemos agora os lugares sobre os quais os seus trabalhos incidem, ficariam evidentes outros espaços (que não a diocese bracarense), embora pontualmente: as Beiras (Trancoso e Coimbra), a Estremadura (Setúbal), o Alentejo (aqui incluindo Olivença, para além de Figueira) e o Algarve (Silves). No estrangeiro, a Galiza, a Andaluzia, os reinos de Leão e Castela surgem como territórios que importava conhecer porque de algum modo, em determinado momento, foram o palco onde clérigos bracarense se movimentaram. Mas os seus interesses iam muito para além da história das instituições eclesíásticas em geral, e da diocese de Braga em particular, alargando-se ao estudo do povoamento, dos concelhos e municipalismo, das questões de fronteira, que o interessavam de sobremaneira, talvez por ser ele próprio um homem da raia.

Sempre, em todos os trabalhos, transparece a importância do documento. Muitos estudos apresentam no final um apêndice documental, com atos de diferentes tipologias e cronologias, imputados como fundamentais para a investigação realizada e para que o leitor pudesse ele próprio ler o que os testemunhos da época transmitem. Mas para além destas, transcreveu o *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama*, já nos anos 90 do século passado, bem como vários livros de foral e outra documentação relativa a diversas localidades, para não falar do imenso conjunto de atas de vereação do século XVI (Braga) ou do século XVIII e XIX (Melgaço). Todas somadas, se compiladas num único volume, as suas transcrições dariam certamente centenas e centenas de páginas. A morosidade da edição documental explica que dois dos volumes mais importantes, nos quais trabalhou muitos anos, tenham surgido apenas após a sua aposentação: o cartulário de Fiães e as Confirmações de Tui. No que respeita ao primeiro códice, durante muitos anos dedicou-se à sua transcrição e análise, consciente de que a sua publicação exigia uma revisão cuidada e um estudo aprofundado. As confirmações de Tui correspondem igualmente a um projeto antigo que só recentemente pôde ser retomado. Também a revisão da publicação do *Liber Fidei*, cumprindo a promessa feita ao Professor Avelino de Jesus da Costa, a que acrescentou os tão necessários índices, foi concluída durante a aposentação.

Maioritariamente, o Professor José Marques publicou trabalhos individuais. Contudo, quando as circunstâncias assim o exigiam (como acontece com frequência nos Colóquios e Congressos da CID, dada a exiguidade de tempo para participação dos membros dos vários países), partilhava a autoria dos estudos com os Colegas. Eu própria tive a honra de com ele subscrever vários estudos, o último dos quais apresentado na Alemanha em 2018, e talvez o primeiro do seu repertório escrito em língua inglesa, e que já não chegou a ver publicado.

Consciente de que muitos dos seus trabalhos não eram de fácil acesso à comunidade científica portuguesa, ou mesmo a um público mais vasto a que procurava igualmente chegar, vários dos seus estudos foram dados à estampa por duas (ou mais) vezes. Sabendo que os textos que apresentara em Congressos e Colóquios no estrangeiro seriam publicados em Atas de que poucos Colegas teriam conhecimento, o Professor José Marques procurava difundi-los em português, nomeadamente na *Revista da Faculdade de Letras – História*, ou mesmo na *Bracara Augusta*, pois a maioria desses trabalhos tinham como pano de fundo a documentação de Braga (catedral, cidade e/ou diocese). Potenciava-se assim o alcance das investigações realizadas: os textos escritos em francês, conhecidos pelos especialistas estrangeiros a quem os apresentara em primeira mão (ex: “La Chancellerie et la Diplomatique Archiepiscopales de Braga à la fin du Moyen Âge”⁵ e “L’influence des bulles papales sur les actes portugais au Moyen Âge”⁶), chegavam assim ao “mundo” português, a quem igualmente interessavam. Nos últimos anos, e correspondendo a vários pedidos, decidi voltar a publicar alguns estudos que, não obstante terem passado alguns anos sobre a sua edição primeira, conservavam o mesmo interesse que tinham na época em que foram elaborados.

A preocupação de divulgação do conhecimento histórico não se confinava à faculdade ou, mais latamente, ao mundo académico. Prova disso são mais de 100

⁵ MARQUES, José – “La chancellerie et la diplomatie archiepiscopales de Braga à la fin du moyen âge”. in HAIDACHER, Christoph; KÖFLER, Werner (eds.) – *Die Diplomatie der Bischofsurkunde vor 1250. Referate zum VIII. Internationalen Kongress für Diplomatie, Innsbruck, 27. September – 3. Oktober 1993*. Innsbruck: Tiroler Landesarchiv, 1995, pp. 511-528.

⁶ MARQUES, José – “L’influence des bulles papales sur les actes portugais au Moyen Âge”. in HERDE, Peter; JAKOBS, Hermann (eds.) – *Papsturkunde und europäisches Urkundenwesen: Studien zu ihrer formalen und rechtlichen Kohärenz vom 11. bis 15. Jahrhundert*. Köln - Weimar – Wien: Böhlau Verlag, 1999, pp. 271-289.

artigos publicados nos jornais a que acima fiz referência, versando sobre assuntos tão diversos como a celebração de centenários de figuras ímpares (ex.: “D. Frei Bartolomeu dos Mártires. No IV Centenário da sua morte”, de 1991) ou mesmo documentos (ex.: “V centenário do ‘Missal Bracarense’ de 1498” de 1998), a evocação de vultos da cultura local, regional ou mesmo nacional, mas igualmente chamando a atenção para curiosidades históricas e imprecisões que a tradição cristalizara (ex.: “Fiães: a filha do senhor abade?”, de 1990 ou “A rua da Cónega”, de 1991), para a necessidade de renovação ou restauro de património construído (ex.: “Salvemos a Capela do Santo Cristo, em Melgaço”, de 1979), ou mesmo para a importância dos arquivos, nomeadamente os paroquiais (ex.: “Atenção aos Arquivos paroquiais”, de 1986). Sobretudo nos últimos anos, a sua colaboração tornou-se mais assídua, e talvez por isso mesmo, dedicada a temáticas e cronologias muito mais diversificadas.

Por tudo o que acabámos de dizer, e também pelo muito que não conseguimos agora transmitir, José Marques é uma figura incontornável da historiografia portuguesa da segunda metade do século XX e inícios do milénio. Qualquer “aprendiz de historiador”, mal inicia o seu caminho de investigação, se apercebe que é impossível estudar o final da Idade Média sem ter em conta o grosso volume “A Arquidiocese de Braga no século XV”. Essa foi a obra magna, sem dúvida. Mas em muitos outros aspetos fica uma marca indelével. Qualquer que seja o campo de investigação, e sabendo que a história da Igreja e das Instituições Eclesiásticas se entrecruza com a política, com a sociedade, com a cultura, é impossível ao estudioso da Idade Média portuguesa não atentar nos estudos de José Marques. Para os que não tiveram o privilégio de com ele conviver, a sua obra científica é, sem dúvida, uma forma de conhecer o homem, o sacerdote, o especialista. Para mim, é uma das formas de o manter vivo.

Cristina Cunha